



## O SERMÃO DO DIABO: UMA IRREVERÊNCIA MACHADIANA<sup>v</sup>

Teresinha V. Zimbrão da SILVA\*  
Altamir Celio de ANDRADE\*\*

### RESUMO

Neste trabalho estudaremos a apropriação machadiana da **Bíblia** na crônica, O sermão do Diabo. Procuraremos mostrar que as páginas bíblicas apropriadas por Machado de Assis na crônica são submetidas a modificações que admitem ser interpretadas como parte integrante de um processo de atualização das mesmas para um contexto muito distinto do original.

Palavras-chave: Diálogo intertextual. Machado de Assis. **Bíblia**.

### 1 INTRODUÇÃO: DIPLOMACIA EM LITERATURA

*Creo que nuestra tradición es toda la cultura occidental (...)  
los argentinos, los sudamericanos en general (...)  
podemos manejar todos los temas europeos,  
manejarlos sin supersticiones, con una irreverencia que puede terne,  
y ya tiene, consecuencias afortunadas.*  
(BORGES, 1998, p. 200-201)

Por diplomacia entenda-se aqui a habilidade de uma cultura em se relacionar com uma outra, em superar os seus pré-conceitos a propósito do que lhe é estranho ao ponto de, cultivando tanto a humildade de receber quanto a audácia de emitir, com aquela outra cultura então verdadeiramente dialogar. O que no presente caso, ou seja, o diálogo da periferia com o centro, do Brasil com a Europa, de uma ex-colônia com a metrópole, manifesta-se, sobretudo, em termos da irreverência do ex-

---

<sup>v</sup> Artigo recebido em 28 de abril de 2016 e aprovado em 05 de setembro de 2016.

\* Doutora em Literatura pela University of Newcastle Upon Tyne. Pós-doutora em Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professora Titular da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: <teresinha.zimbrão@gmail.com>.

\*\* Doutor em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor titular e coordenador Adjunto do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: <altamirandrade@pucminas.cesjf.br>.

colonizado em, por seu turno, atuar também como emissor e não apenas, como no falso diálogo, limitar-se reverentemente a reproduzir a emissão do ex-colonizador.

A expressão, diplomacia em literatura, alude assim a uma tal habilidade que demonstra na literatura Joaquim Maria Machado de Assis, o escritor de uma cultura periférica que, com a incontestável originalidade e universalidade dos seus escritos, veio a estabelecer um verdadeiro diálogo com a tradição cultural do seu sistema. Pois é esta sua diplomática irreverência de manejar os temas europeus sem quaisquer superstições, antes com consequências das mais afortunadas, que nos propomos explicitar ao longo deste artigo sobre o diálogo machadiano com a **Bíblia**, o livro mais lido da cultura europeia/ocidental.

A alteridade reivindicada por esta leitura está basicamente assentada no fato de que do ângulo então escolhido, ou seja, o da confrontação dos dois textos, o machadiano e o europeu/ocidental, há ainda muito que se ler na obra de Machado de Assis. Com efeito, e isto não só por causa da polissemia machadiana, mas também por uma outra razão: dado o real alcance da complexidade implicada na leitura da obra a partir de um tal ângulo, esta não foi ainda explorada ao seu limite. Afinal, de um lado, quando do distanciamento dos dois textos, ela envolve o difícil reconhecimento da potencial fonte de inspiração europeia ensombrecida pela radiante luz da originalidade machadiana, e de outro, quando da aproximação de ambos os textos, por exemplo, na adoção por parte de Machado de Assis da “forma livre” (ASSIS, 1997c, p. 512) de escrever do britânico Laurence Sterne ou do francês Xavier de Maistre, a leitura envolve então o não menos difícil reconhecimento do próprio grau da originalidade machadiana, por seu turno, de certo modo, ensombrecida pelo evidente parentesco europeu.

Pois nos defrontamos com estas dificuldades antes de enfim nos darmos conta de um dado que até então havia passado quase despercebido pelas leituras anteriores da obra de Machado de Assis, que é a extensão da definitiva importância da **Bíblia**, o livro canônico do cristianismo europeu/ocidental, para uma melhor compreensão de diversos textos do autor, sobretudo, o que vamos analisar aqui: a crônica **O sermão do Diabo** (ASSIS, 1997e). Com efeito, se é verdade que alguns críticos de fato ensaiaram umas primeiras pinceladas no sentido de explicitar o diálogo machadiano com a **Bíblia** - por exemplo, o trabalho de Salma Ferraz (2009)

- contudo, também é verdade a necessidade de um pincel mais persistente para o quadro adquirir contornos mais definidos. E o que a exposição deste quadro pretende dar a perceber é o quanto Machado de Assis, em muitas de suas páginas, sem quaisquer superstições e com conseqüências das mais afortunadas, irreverentemente reproduziu às da **Bíblia**, o livro mais lido da cultura europeia/ocidental.

## 2. A MODO DE COMPARAÇÃO

A crônica machadiana **O sermão do Diabo**” data de setembro de 1893. Nela, o autor se inspira deliberadamente nos capítulos 5-7 do **Evangelho de São Mateus**, capítulos esses conhecidos como O Sermão da Montanha ou Sermão do Monte. A uma primeira leitura, pode-se pensar que a crônica é uma cópia exata do texto evangélico, mas isso revelaria, de saída, uma ingenuidade na abordagem do texto machadiano. Na verdade, trata-se de uma reprodução irreverente/paródica, que – no que tange à **Bíblia** –, não é um procedimento estranho a Machado de Assis. A título de exemplo, ele já havia usado esse procedimento em **Na Arca** (ASSIS, 1997d), conto de 1882, e o usará novamente no conto, **Adão e Eva** (ASSIS, 1997a), de 1896.

O cotejo com o discurso de Jesus em **São Mateus** não é feito de modo aleatório. Revela uma leitura atenta e que busca, criteriosamente, pinçar o que lhe interessa para seus propósitos ficcionais. Essa escolha contrasta com o caráter de fragmento que aparece no início da crônica: “é um pedaço do evangelho do Diabo, justamente um sermão da montanha, à maneira de São Mateus” (ASSIS, 1997e, p. 647). Dessa forma, o autor reproduz irreverentemente o texto bíblico nas passagens que melhor se adequam aos propósitos do seu personagem diabólico.

Machado de Assis organiza, com numerais ordinais, o sermão do Diabo. Nisso diferencia-se sensivelmente da estrutura adotada em “Na Arca”, onde havia optado por uma semelhança também de forma, colocando o texto em capítulos e versículos, tal como na **Bíblia**. Contudo, a organização da crônica em questão facilita o cotejo com o texto bíblico e mostra, também, quais são, no sermão do Diabo, aqueles temas que se aproximam do sermão de Jesus, em **São Mateus**.

O inventário dessa aproximação entre os dois sermões surpreende a quem imagina que o tempo todo Machado de Assis está a par e passo com a **Bíblia**. Fora a introdução (1º e 2º), dos vinte e oito ensinamentos presentes no sermão do Diabo, menos da metade deles encontram eco no texto de Mateus. Os outros responderiam por uma ironia machadiana que, inegavelmente, está ligada ao seu contexto histórico e social. Isso já aparece nas linhas que inauguram o fragmento do sermão: “E vendo o Diabo a grande multidão de povo, subiu a um monte, por nome Corcovado, e, depois de se ter sentado, vieram a ele os seus discípulos. E ele, abrindo a boca, ensinou dizendo as palavras seguintes” (ASSIS, 1997e, p. 647). Note-se que a estrutura e o modo de colocar as palavras são idênticos ao relato mateano, muito embora mude, aqui, tanto o sujeito da enunciação que não é mais Jesus e sim o Diabo, como também o nome do monte que passa a ser Corcovado, um morro muito importante da cidade do Rio de Janeiro. É digna de nota, também, a observação de que – por não saber o grego, como afirmara Jacynto Lins Brandão (2001/2, p. 141) – Machado faz uso de uma tradução mais literal do **Evangelho de São Mateus**, uma vez que traduções modernas evitam uma possível redundância do relato bíblico, retirando a expressão “abrindo sua boca” em Mt 5,2, tal como pode ser notado na **Bíblia de Jerusalém** (2002).

As sentenças machadianas que correspondem ao sermão de Jesus podem ser colocadas em paralelo para que melhor sejam percebidas. Os grifos são nossos:

Sermão do Diabo	Sermão de Jesus (São Mateus)
4º. Bem aventurados os afoutos, porque eles possuirão a terra (ASSIS, 1997e, p. 647);	Felizes os mansos porque herdarão a terra (5,4).
7º. Bem aventurados sois, quando vos injuriarem e disserem todo o mal, por meu respeito. 8º. Folgai e exultai, porque o vosso galardão é copioso na terra (ASSIS, 1997e, p. 647-648).	Felizes sois, quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos e regozijai-vos porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois foi assim que perseguiram os profetas que vieram antes de vós (5,11-12).
9º. Vós sois o sal do <i>money market</i> . E se o <i>sal</i> perder a força, com que outra coisa se há de salgar? (ASSIS, 1997e, p. 648).	Vós sois o <b>sal</b> da terra. Ora, se o sal se tornar insosso, com que o salgaremos? (5,13)

<p>10º. Vós sois a <b>luz</b> do mundo. Não se põe uma <b>vela acesa</b> debaixo de um <b>chapéu</b>, pois assim se perdem o chapéu e a vela (ASSIS, 1997e, p. 648).</p>	<p>Vós sois a <b>luz</b> do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte. Nem se acende uma <b>lâmpada</b> e se coloca debaixo do <b>alqueire</b>, mas na <b>luminária</b>, e assim ela brilha para todos os que estão na casa (5,14-15)</p>
<p>13º. Ouvistes o que foi dito aos homens: Amai-vos uns aos outros. Pois eu digo-vos: Comei-vos uns aos outros; melhor é comer que ser comido; o lombo alheio é muito mais nutritivo que o próprio (ASSIS, 1997e, p. 648).</p>	<p>Ouvistes o que foi dito: <b>Amarás o próximo e odiarás teu inimigo</b>. Eu, porém vos digo: amai vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem (...) (5,43-44).</p>
<p>14º. Também foi dito aos homens: Não matareis a vosso irmão, nem a vosso inimigo, para que não sejais castigados. Eu digo-vos que não é preciso matar a vosso irmão para ganhades o reino da terra; basta arrancar-lhe a última <b>camisa</b> (ASSIS, 1997e, p. 648).</p>	<p>Ouvistes o que foi dito aos antigos: <b>Não matarás</b>; aquele que matar terá de responder no tribunal. Eu, porém vos digo, todo aquele que se encolerizar contra seu irmão terá que responder no tribunal (...) (5,21).</p>
<p>15º. Assim, se estiveres fazendo as tuas contas, e te lembrar que teu irmão anda meio desconfiado de ti, interrompe as contas, sai de casa, vai ao encontro de teu irmão na rua, restitui-lhe a confiança, e tira-lhe o que ele ainda levar consigo (ASSIS, 1997e, p. 648).</p>	<p>Portanto, se estiveres para trazer a tua oferta ao altar e ali te lembrares que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa a tua oferta ali diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e depois virás apresentar a tua oferta (5,23).</p>
<p>16º. Igualmente ouvistes que foi dito aos homens: Não jurareis falso, mas cumpri ao Senhor os teus juramentos. 17º. Eu, porém, vos digo que não jureis nunca a verdade, porque a verdade nua e crua, além de indecente, é dura de roer; mas jurai sempre e a propósito de tudo, porque os homens foram feitos para crer antes nos que juram falso, do que nos que não juram nada. Se disseres que o sol acabou, todos acenderão <b>velas</b> (ASSIS, 1997e, p. 648).</p>	<p>Ouvistes o que foi dito aos antigos: <b>Não perjurarás, mas cumprirás os teus juramentos para com o Senhor</b>. Eu, porém, vos digo: não jureis em hipótese nenhuma (5,33-34).</p>
<p>18º. Não façais as vossas obras diante de pessoas que possam ir contá-lo à polícia (ASSIS, 1997e, p. 648).</p>	<p>Guardai-vos de praticar a vossa justiça diante dos homens para serdes vistos por eles (6,1)</p>
<p>20º. Não queirais guardar para vós</p>	<p>Não ajunteis para vós tesouros na</p>

<p>tesouros na terra, onde a ferrugem e a traça os consomem, e donde os ladrões os tiram e os levam. 21º. Mas remetei os vossos tesouros para algum banco de Londres, onde a <b>ferrugem</b>, nem a <b>traça</b> os consomem nem os <b>ladrões</b> os roubam, e onde ireis vê-los no dia do juízo (ASSIS, 1997e, p. 648).</p>	<p>terra, onde a <b>traça</b> o <b>caruncho</b> os corroem e onde os ladrões arrombam e roubam, mas ajuntai para vós tesouros nos céus, onde nem a traça, nem o caruncho corroem e onde os ladrões não arrombam e nem roubam (6,19-20).</p>
<p>24º. Não queirais julgar para não serdes julgados; não examineis os papéis do próximo para que ele não examine os vossos, e não resulte irem os <b>dous</b> para a cadeia, quando é melhor não ir nenhum (ASSIS, 1997e, p. 648).</p>	<p>Não julgueis para não serdes julgados (7,1)</p>
<p>30º. Todo <b>aquele que ouve</b> estas minhas palavras, e as observa, será comparado ao homem sábio, que edificou sobre a <b>rocha</b> e resistiu aos ventos; ao contrário do <b>homem sem consideração</b>, que edificou sobre a <b>areia</b>, e fica a ver navios... (ASSIS, 1997e, p. 649).</p>	<p>Assim, todo <b>aquele que ouve</b> essas minhas palavras e as põem em prática será comparado ao homem sensato que construiu sua casa sobre a <b>rocha</b> (7,24). Por outro lado, todo <b>aquele que ouve</b> essas minhas palavras mas não as pratica, será comparado ao homem insensato que construiu a sua casa sobre a <b>areia</b> (7,26).</p>

Algumas sentenças, separadas por Machado de Assis, estão unidas no texto de Mateus. A presença da ironia na crônica machadiana é visível desde as primeiras linhas. Está claro, também, que as contraposições existem em ambos os sermões, mas a coerência interna dos textos permite afirmar que, em alguns casos, não se trata, simplesmente, de contradições. Isso porque os enunciadores das sentenças (Diabo e Jesus) falam, cada um, do seu lugar. Assim sendo, mesmo que o Diabo afirme que seus seguidores perseguidos devam se alegrar, a sua recompensa encontra-se, no entanto, na terra e não no céu. De igual forma, tanto o homem que escuta o Diabo quanto o que escuta Jesus, constrói a sua casa sobre a rocha. Além disso, as obras feitas em segredo são recomendadas por ambos os oradores.

Quando as sentenças se contradizem, os elementos aparecem claramente, como em afoutos *versus* mansos e jurar *versus* não jurar. Há uma sutileza curiosa na 20ª sentença do Diabo em relação à de Jesus. Em ambos há uma alusão à terra, mas enquanto para o Diabo terra parece significar chão, para Jesus significa mundo.

O que apoia essa leitura parece ser a menção ao Banco de Londres. Machado de Assis muda, assim, sensivelmente a conotação do termo nas sentenças 4ª e 8ª em relação ao original mateano.

O discurso do Diabo se apresenta de modo mais pragmático que o de Jesus. Além disso, a tônica dada ao aspecto monetário salta aos olhos. O seu discurso aponta para o fato de que em tudo é preciso levar vantagem. No entanto, a discrição, a prudência e o tato estão presentes nas palavras de ambos os oradores. Há uma vizinhança de termos e atitudes que quase colocam os discursos na mesma direção. Verifica-se a menção a diversos objetos, por exemplo, **sal, vela, chapéu, luminária, alqueire, camisa, rocha**, dentre outros. Tais objetos, contudo, vêm unidos a indicações psicológico-simbólicas, que são sensivelmente diferentes para cada um dos sermões.

No caso do Diabo, **a vela sobre o chapéu** faz perder o chapéu, mas para Jesus, a luz alude a um comportamento que deve ser sinal para o mundo. Um é o homem que faz as contas, outro é o que faz a oferta. Em ambos os casos há algo esquecido que, para o Diabo gera o prejuízo do outro e que, para Jesus, indicaria o perdão. É por isso que tais sentenças, mesmo sendo próximas, não permitem uma simples justaposição.

### 3 O QUE MATEUS E MACHADO DE ASSIS TÊM EM COMUM

A apresentação sinóptica dos textos permite reconhecer que ambos os autores dirigem uma crítica corrosiva às situações de seus tempos próprios. Élian Cuvillier já afirmara que “tem fundamento, também, sustentar que Mateus é igualmente um polemista virulento contra os representantes oficiais do judaísmo, até mesmo contra o povo judeu em seu conjunto” (CUVILLIER, 2012, p. 89). Isso é bastante provável – no sentido exato deste termo – uma vez que todo o seu evangelho permite verificar, segundo Cuvillier, as controvérsias de Jesus com os fariseus, a utilização polêmica de passagens do **Antigo Testamento**, discursos de rara violência nos lábios de Jesus (p.ex. Mt 23), além de certas tradições próprias do primeiro evangelista nos relatos da paixão, “que reforçam a culpabilidade de Israel na morte de Jesus” (CUVILLIER, 2012, p.89).

A citada utilização polêmica de passagens do **Antigo Testamento** aproxima bastante a técnica de Mateus daquela de Machado de Assis. É imperativo reconhecer que o que Mateus faz com as escrituras judaicas, Machado de Assis faz com o seu evangelho. Trata-se, assim, de releituras, como afirmamos no início deste artigo. Ressalta-se, com isso, que estamos lidando com duas altas literaturas, cuja riqueza de detalhes e a forma de construção são extremamente singulares. O próprio Harold Bloom, em **O Cânone Ocidental**, afirmou que a *Torah* e os evangelhos são obras que não podem faltar no cânone (BLOOM, 2010, p. 42). Além dele, o próprio Northrop Frye, em **O código dos códigos**, deixou claro que “a abordagem da Bíblia de um ponto de vista literário não é de *per si* ilegítimo: nenhum livro poderia ter uma influência literária tão pertinaz sem possuir ele próprio, características de obra literária” (FRYE, 2004, p.14, grifos do autor).

Mateus e Machado de Assis são dois críticos de suas épocas. O contexto do primeiro está marcado por uma profunda crise gerada pelo nascimento de uma religião dentro de outra, a saber, o Cristianismo do Judaísmo. É por isso que ele não só escreve o que teria acontecido com Jesus, mas atualiza o significado de tais acontecimentos para o momento presente de sua audiência, ou seja, anos mais tarde da vida e morte de Jesus. O contexto machadiano também está marcado por uma crise profunda: a modernização capitalista do Brasil de fins dos oitocentos. Daí o seu personagem Diabo ter sido atualizado para os novos tempos como um malicioso homem de negócios, dando sermões do alto do monte Corcovado, utilizando palavras do vocabulário financeiro inglês e ensinando seu povo como se dar bem em uma sociedade cada vez mais capitalista.

#### 4. CONCLUSÃO

O que se deve exigir do escritor antes de tudo  
é certo sentimento íntimo,  
que o torne homem do seu tempo e do seu país,  
ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.  
(ASSIS, 1997b, p. 804)

Na crônica estudada constatou-se o diálogo machadiano com as páginas da **Bíblia** referentes ao Sermão da Montanha e também com o personagem bíblico, o Diabo, que não comparece no sermão original, mas protagoniza esta outra versão.



Machado de Assis, com irreverência, reproduziu para as dimensões da moderna periferia um texto consagrado do centro do seu sistema, situando como protagonista do seu sermão, no lugar de Jesus, o maior inimigo divino, o próprio Diabo.

Em tempos de capitalismo moderno, os ensinamentos do Diabo se tornaram mais sedutores que os do filho de Deus, sua linguagem diabólica, atualizada por meio de um vocabulário financeiro, se tornou mais adequada para dialogar com o homem de negócios da sociedade capitalista - o qual parece ter enfim vendido sua alma ao Diabo. Machado critica assim o seu contexto histórico e social, ao mesmo tempo, que dialoga com a tradição europeia/ocidental, reproduzindo irreverentemente suas páginas mais consagradas. De fato, ao tratar de um assunto remoto no tempo e no espaço como o sermão tematizado na **Bíblia**, Machado de Assis, com o seu sentimento íntimo de homem do seu tempo e do seu país, atualiza este assunto para as dimensões brasileiras da periferia do capitalismo oitocentista.

Assim, a presente leitura da obra machadiana expõe um quadro em que o autor, exercitando toda a sua diplomática habilidade seja de humildemente receber, seja de ousadamente emitir, ousou no diálogo com a Europa a irreverência inclusive da reprodução **deformada** (muitas vezes ao ponto da ironia e da paródia) do texto europeu de modo a poder assim - e este é um ponto importante que temos a esperança de ter explicitado - atualizar este com propriedade para um contexto bem distinto do original.

Esperamos com esta leitura ter oferecido uma contribuição mais geral para os estudos machadianos, que é a de sublinhar o quanto a literatura de Machado de Assis como um todo está diplomaticamente em diálogo com outras. Dado deveras relevante, e que se é explícito em algumas páginas, tem passado quase despercebido em outras, provavelmente, porque o escritor brasileiro, ao produzir um texto original e universal a partir da irreverente reprodução do texto europeu, muitas vezes se distancia a tal ponto do seu interlocutor que o mesmo se torna quase que irreconhecível, e com este portanto se torna também quase que irreconhecível o próprio fato de estar havendo então um diálogo.

Em suma, tendo reconhecido um tão irreverente quanto diplomático diálogo - de consequências das mais afortunadas e sem quaisquer superstições - deste escritor brasileiro com a tradição cultural do seu sistema, diálogo pontuado pelo

sentimento íntimo de homem do seu tempo e do seu país, ainda que ao tratar de assuntos remotos temporalmente e espacialmente - viemos então apresentar de tal diálogo, a presente leitura.

### THE DEVIL SERMON: A MACHADEAN IRREVERENCY

#### ABSTRACT

In this work we study Machado de Assis' appropriation of the **Bible** in his chronicle, **O sermão do Diabo**. We show that the pages of the **Bible** appropriated in the machadean chronicle are subjected to modifications which can be interpreted as part of an updating process which places them in a context that is different from the original one.

Keywords: Intertextual dialogue. Machado de Assis. **Bible**.

#### REFERÊNCIAS

ASSIS, J. M. Machado de. Adão e Eva. In: **Obra completa** - volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997a. p. 525-528.

ASSIS, J. M. Machado de. Instinto de Nacionalidade. In: **Obra completa** - volume III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997b. p. 801-809.

ASSIS, J. M. Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. In: --, *Obra completa* - volume I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997c. p. 511-639.

ASSIS, J. M. Machado de. Na arca. In: **Obra completa** - volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997d. p. 303-307.

ASSIS, J. M. Machado de. O sermão do Diabo. In: **Obra completa** - volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997e. p. 647-649.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BLOOM, Harold. **O cânone ocidental**. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

BORGES, Jorge Luis. El escritor Argentino y la Tradición. In: **Discusión**. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p. 188-203.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. A Grécia de Machado de Assis. **KLÉOS**, n. 5/6, p. 125-144, 2001/2.

CUVILLIER, Élian. O Evangelho segundo Mateus. In. MARGUERAT, Daniel (Org.). **Novo Testamento: história, escritura e teologia**. 2ª ed. Tradução de Margarida Oliva. São Paulo: Loyola, 2012, p. 81-106.

FERRAZ, Salma. O bruxo do Cosme Velho decretou a morte do Diabo. In: GONÇALVES, Ana Beatriz.; CARRIZO, Silvina; COUTINHO, Verônica Lucy. (Orgs.). **Literatura, Crítica e Cultura III: interfaces**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009, p. 23-49.

FRYE, Northrop. **O código dos códigos: a Bíblia e a literatura**. Tradução de Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.